



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

OBEDE DOMINGOS DE SANT'ANA

**A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA**

JOÃO PESSOA

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA**

OBEDE DOMINGOS DE SANT'ANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História como requisito para obtenção do título de Licenciado em História, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto de Azevedo Maia.

JOÃO PESSOA

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catálogo e Classificação

S232f Sant'Ana, Obede Domingos de.

A fotografia como ferramenta para o ensino de história / Obede Domingos de. Sant'Ana. - João Pessoa, 2022.

24 f.

Orientação: Paulo Roberto de Azevedo Maia.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. fotografia. 2. Imagens. 3. Linguagem visual. 4. ensino de história. I. Maia, Paulo Roberto de Azevedo. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 930.25

A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Aprovada em 30 / 06 / 22

Banca Examinadora

Nota []

Prof. Dr. Paulo Roberto de Azevedo Maia

Professor Orientador

Nota []

Prof. Dr. Ângelo Emilio Pessoa

Professor Leitor

Nota []

Prof. Dr. Fernando Cauduro Pureza

Professor Leitor

Este trabalho é dedicado principalmente a minha filha, Maria Júlia Miranda de Sant’Ana, a quem, apesar de minhas limitações, espero servir de exemplo, na vida e nos estudos, mas também a meus sobrinhos Gabriel e Artur Cardozo de Sant’Ana e Luana de Sant’Ana da Silva, os quais tive o prazer de carregar nos braços e hoje, cada um com suas escolhas, prosseguem os estudos nos bancos universitários.

Cursar uma graduação, no Brasil, é privilégio para poucos. Desejo que um dia isto venha a mudar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, Domingos José de Sant’Ana (1921-2011) e Aurenita Santana de Sant’Ana (1935-2022), que mesmo sem estudos, não mediram esforços para que eu e meus irmãos pudéssemos estudar.

Agradeço também a minha esposa, Maria da Conceição Gomes de Miranda, que me deu suporte e desafios, para que eu pudesse sempre fazer o meu melhor ao longo destes últimos anos nos quais estive no curso de história.

Finalizando, agradeço aos professores do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, bem como aos técnicos administrativos que em diversas situações me auxiliaram em minhas dúvidas.

“Por acaso alguém se pergunta ou se importa hoje em dia se o Ulisses de Joyce foi escrito à máquina ou à mão ou se na orquestração da música de Honneger se utilizou o velho clavicórdio de Bach? Isso é querer reduzir o valor do acerto unicamente às velhas fórmulas puristas, condenando a priori qualquer aparelho que surja em busca de superação. A fotografia é uma nova forma – se é que se pode chamar de novo algo que foi criado há mais de um século – como também chegou a vez de ser novo para a tela, o mármore, os metais e até o marfim”.

(Alfredo Bultron)

RESUMO

O presente trabalho pretende discutir o uso de imagens, mais especificamente fotografias, como ferramenta no ensino de história, abordando, através de pesquisa bibliográfica as possibilidades que este tipo de linguagem visual oferece bem como suas limitações, levando ainda em consideração o grande fluxo diário de imagens que nos chegam, com frequência cada vez maior, através de diferentes meios, sejam redes sociais, jornais impressos ou digitais, documentários ou revistas. Simultaneamente a isto, existe certa timidez quanto ao uso desta linguagem que muitas vezes acaba sendo utilizada apenas como mera ilustração em livros didáticos.

Palavras-chave: fotografia; imagens; linguagem visual; ensino de história.

ABSTRACT

The present work intends to discuss the use of images, more specifically photographs, as an instrument in the teaching of history, approaching, through bibliographic research, the possibilities that this type of visual language offers as well as its limitations, taking into account the great daily flow of images that reach us, with increasing frequency, through different means, whether social networks, printed or digital newspapers, documentaries, magazines. Simultaneously to this, there is a certain shyness regarding the use of this language that many times ends up being used only as a mere illustration in textbooks.

Key-words: photography; images; visual language; history teaching.

1 SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	9
2.	BUSCAS ANÁLOGAS.....	10
3.	BREVE HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA	12
4.	FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO	13
5.	FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	16
6.	CONSIDERAÇÕES SOBRE O NOVO ENSINO MÉDIO	20
7.	CONCLUSÃO.....	22
8.	REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22

1. INTRODUÇÃO

Ao longo de anos de estudo, sempre tive interesse pela disciplina de história. No entanto, via que este interesse não era compartilhado pela grande maioria de meus colegas. Ao longo deste percurso, também me interessei e passei a estudar fotografia e atuar como fotógrafo. Ao iniciar o curso de licenciatura em história e tomar contato, agora não mais como apenas “um interessado”, mas com os métodos e com o rigor científico necessário para a escrita e o ensino de história, fui percebendo alguns paralelos entre a produção de uma imagem fotográfica e a produção de um conhecimento historiográfico.

Com o passar do tempo e vendo nossa realidade atual, onde o desconhecimento básico de uma história geral ou mesmo de nossa história recente tem sido meio através do qual se difundem inverdades ou negacionismos, me faz questionar se de algum modo a fotografia poderia ser ferramenta auxiliar no ensino da disciplina de história para alunos de ensino médio ou mesmo para outros públicos fora dos bancos escolares ou ambientes acadêmicos.

Vivemos em um cotidiano onde as imagens, sejam fotográficas ou não, estão amplamente difundidas pelos mais diversos meios ou, conforme Ana Maria Mauad:

Não data de hoje a utilização das imagens visuais, tanto para educar, quanto para instruir. Na tradição pictórica ocidental, em primeiro sentido, as imagens visuais integram o conjunto de representações sociais que, pela educação do olhar, definem maneiras de ser e agir, projetando ideias, gostos, valores estéticos e morais. Compõem, hoje, o catálogo da visualidade contemporânea veiculada pela mídia impressa, televisiva, fílmica e virtual (MAUAD, 2015, p. 83)

Mesmo em períodos anteriores aos atuais, muitos impressos se utilizavam de imagens, sejam elas pinturas, fotos (a partir do século XIX) para ilustrar ou mesmo de alguma forma complementar textos diversos. No entanto, no que se refere ao ensino de história se valendo do uso de imagens são poucas as referências, conforme nos diz Bittencourt:

Para o ensino de História não existem muitas referências sobre o uso de imagens, apesar da ampla produção, a partir dos anos 50 e 60, de psicólogos, sociólogos e especialistas em semiologia ou teorias de comunicação, os quais tinham como principal preocupação o rádio, o cinema e a televisão na configuração de uma cultura de massa. Na trilha desses pesquisadores, historiadores vêm-se dedicando ao estudo da iconografia, incluindo análise das denominadas “imagens tecnológicas”. (BITTENCOURT, 2008, p. 361)

Com relação ao que vem sendo escrito sobre fotografias como documentos históricos, das últimas décadas do século XX para cá, um novo panorama tem se apresentado no ambiente

acadêmico no Brasil, na década de 1990, face ao interesse crescente que este tipo de documentação despertou, o que vem suscitando o debate e a reflexão acerca do alcance, do valor e dos limites das fontes fotográficas.

O levantamento sobre as dissertações e teses (cobrindo as mais diversas áreas de aplicação da fotografia), na época, demonstram o nível desse interesse: nos anos de 1990 (até fevereiro de 1999) haviam sido defendidos 73 trabalhos, um número significativo se comparado aos doze dos anos de 1980 e, apenas quatro, da década de 1970 (KOSSOY, 2012, p. 33 *apud* MENDES, Ricardo).

E desta forma, citando Marc Bloch, que disse que “o passado é por definição, um dado que coisa alguma pode modificar. Mas, o conhecimento do passado é coisa em progresso, que ininterruptamente se transforma, e se aperfeiçoa” (BLOCH, 1974, p. 55), creio que utilizar a fotografia no ensino de história é também uma forma de ampliar este conhecimento.

Desde modo, entendo que a utilização de algo que está quase onipresente no cotidiano dos alunos, como é o caso de imagens e da fotografia em particular, em suas diversas vertentes como por exemplo, fotojornalismo, fotografia documental, fotografia social ou até mesmo nas *selfies*¹ é algo que pode acrescentar a experiência de ensino/aprendizagem. Ela permite que o aluno veja o que aconteceu em uma guerra distante, os acontecimentos políticos de sua cidade, seu país ou do mundo, etc., ajudando a trazer o estudante para o assunto que se pretende ensinar/discutir, valorizando o conhecimento, ainda que proveniente do senso comum, acerca da leitura/interpretação destas imagens, com a possibilidade de ampliar este conhecimento, permitindo também interação, análise crítica e questionamentos sobre o que se vê.

2. BUSCAS ANÁLOGAS

Partindo de uma busca bibliográfica acerca do ensino de história com a utilização de imagens e em especial a fotografia, apresentaremos algumas das diversas possibilidades do uso da fotografia como ferramenta auxiliar para este fim.

Assim sendo, de acordo com Maria Eliza Linhares Borges (BORGES, 2003), ao vermos como inicialmente a escola metódica rejeitava a fotografia até mesmo como fonte histórica por entender que a exatidão, a objetividade e neutralidade eram características a serem procuradas e que alimentariam a busca de uma verdade absoluta, presente nos documentos

1 Situação em que o autor da foto é também quem está representado na foto, semelhante ao autorretrato.

oficiais que deveria ser trazida à tona, resgatada através da análise interna e externa dos documentos.

Portanto, a escrita da história só seria possível através da coleta e reprodução de documentos escritos e oficiais, em uma concepção de fonte bastante restrita, cabendo ao historiador apenas transcrever a verdade que estes documentos continham, conforme também nos diz Maria Eliza Linhares Borges:

Nessa época, ao historiador de ofício cabia coletar documentos oficiais, aplicar-lhe as regras do método crítico [...]. Por isto mesmo o trabalho do historiador era dar visibilidade ao passado até então escondido nos documentos guardados nos arquivos. (BORGES, 2003, p. 16-17)

Assim, segundo Lima e Nascimento (LIMA e NASCIMENTO, 2017), a escola dos Annales ampliou estes horizontes, ampliando também o conceito de fontes históricas e a ideia de verdade absoluta caiu em desuso, passando a história a considerar também uma certa interdisciplinaridade, aproximando-se das ciências sociais, contemplando as diversas possibilidades de elementos para a problematização e tessituras das intrigas históricas.

A percepção de que as fontes são parciais e imersas em relações de poder e que, as fontes enquanto documentos, não falam por si só, mas a partir da pena do historiador e do lugar ocupado por esse socialmente e dentre deste conceito mais alargado, Le Goff afirmava que os novos documentos deveriam ser vistos como documento/monumento (LE GOFF, 1990), isto é, nessa visão ampliada, tudo o que está relacionado ao homem pode ser utilizado como fonte da História. Dessa forma, a multiplicação de documentos e em especial a fotografia, evidenciou a necessidade de se estudar o significado e o conteúdo cultural desse material

Assim sendo, entendemos que para utilizar a fotografia como ferramenta no ensino de história pressupõe também auxiliar o aluno a compreender as fontes históricas e seus processos de produção, fazendo-o observar que a fotografia, tanto quanto qualquer outra fonte deve responder a perguntas, como por exemplo: Quem as fez? Por que as fez? Como? Para quem foram feitas?

Tiago Coelho, falando sobre pinturas, mas que acreditamos que pode muito bem ser aplicado a fotografia, nos diz que:

“podem ser utilizadas como conteúdo no ensino de história, já que elas possuem muito do seu tempo e do tempo que querem retratar. Essas gravuras abrem um leque de possibilidades para o conhecimento do passado, sendo ainda um ponto positivo na formação do aluno, que, aprendendo a ler as imagens na escola, poderá ler o mundo a sua volta, podendo assim ser um cidadão mais crítico e formador de opinião na sociedade a que pertence.” (COELHO, 2012, p. 197)

Aprofundar o conhecimento dessa linguagem visual é, portanto, uma forma de podermos nos tornar mais atentos, mais questionadores e mais críticos ao que nos cerca.

3. BREVE HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA

Para compreendermos as formas em que a fotografia pode vir a ser usadas como ferramenta para o ensino/aprendizado de história, é importante que entendamos ao menos parcialmente o que é uma fotografia. Para tanto, se faz necessário conhecer um pouco de sua história e da técnica fotográfica.

A fotografia é o resultado da conjunção de fenômenos físicos (ótica), químicos (no caso da fotografia analógica) ou uma série de tecnologias digitais (para a fotografia digital).

Os fenômenos físicos que permitem a formação de imagens, em menor escala, dentro do que é conhecido por câmara escura² já são conhecidas, segundo Tessari (2012) desde a antiguidade e é citada por entre outros Aristóteles (384 a.C. – 322 a. C.) e Al Hazen (965-1040). No entanto, este conhecimento não produziu nada que pudesse se assemelhar a fotografia até meados do século XIX.

A fotografia começa a surgir no século XIX, como fruto das inovações tecnológicas, da revolução industrial, que trouxe também consigo, segundo Kossoy (KOSSOY, 2012) transformações culturais e sociais. Neste contexto, a fotografia é resultante de processos inventados/descobertos por diversas pessoas, não sendo desta forma possível falar em um único inventor.

Ainda no século XIX, o processo de fixação de imagens em um suporte físico (vidro ou placas de metal) recobertos com algum produto fotossensível, era um processo artesanal e que demandava conhecimentos que envolvia não só a manipulação de pesados equipamentos para produzir a fotografia, mas também o uso de produtos químicos que permitissem esta fixação.

Em seus primeiros momentos, os valores envolvidos para a produção de uma única fotografia eram altos e “permitia o seu consumo apenas por classes sociais privilegiadas” (TESSARI, 2012, p. 475), mas a constante evolução técnica permitiu a redução destes custos e permitiu que aos poucos a fotografia ganhasse popularidade, principalmente no fim do século XIX.

2 A câmara escura consiste de dispositivo em formato cúbico ou de caixa, que possui um pequeno furo em uma das suas paredes, que são opacas. quando um objeto iluminado ou com luz própria é colocado à frente a este furo, forma-se no seu interior, na parede oposta uma imagem invertida semelhante a este objeto.

Ao longo do século XX, o tamanho das câmeras diminuiu e os processos de fixação/revelação fotográfica se tornaram mais simples e acessíveis e isto permitiu que pessoas de quase todas as camadas sociais tivessem acesso à fotografia e com isto,

O mundo, a partir da alvorada do século XX, se viu, aos poucos, substituído por sua imagem fotográfica.

O mundo tornou-se, assim, portátil e ilustrado (KOSSOY, 2012, p. 29)

Já no último terço do século XX desenvolveu-se a fotografia digital, a princípio, apenas nos laboratórios, mas, por fim, se popularizaram a ponto de os primeiros aparelhos de telefonia móvel equipados com câmeras surgirem em 2004 (BLAIR, STUCKEY e VESILIND, 2011, p. 228).

No entanto, segundo Tessari (TESSARI, 2012), a história da fotografia não deve se ater apenas ao desenvolvimento de equipamentos e materiais que foram desenvolvidos ao longo do tempo. Há que se levar em consideração também as pessoas, o uso e o tempo no qual as fotografias foram produzidas e desta forma, reproduzindo a forma de pensar e os aspectos sociais que, por fim, dão significado ao ato de fotografar e a fotografia em si.

Do daguerreótipo³ até as câmeras analógicas e posteriormente às câmeras digitais e os aparelhos de telefonia com câmeras, a fotografia se popularizou e hoje, está praticamente em todos as mídias, sejam impressas ou digitais, nas redes sociais e de certa forma, nos bolsos de todos que possuem um aparelho de telefonia móvel.

Portanto, conhecer a história da fotografia ganha importância na medida em que este conhecimento abre horizontes para a análise das fontes fotografias, seja através da técnica com as quais foram produzidas, seja por quem as produziam e o contexto cultural e social na qual foram produzidas, além do objetivo para os quais foram produzidas ou, como também nos diz Tessari: “Conhecer a história da fotografia é fundamental para a análise histórica das fontes fotográficas. Toda a foto é produto de uma técnica de captura” (TESSARI, 2012, p. 480).

4. FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO

Boris Kossoy afirma que “O mundo tornou-se de certa forma ‘familiar’ após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades

3 Câmera do século XIX, inventada por Jacques Mandé Daguerre.

que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica.”. (KOSSOY, 2012, p. 28).

Se no contexto da construção do conhecimento histórico, na abordagem da escola metódica, Langlois e Seignobos afirmavam em seu manual *Introdução aos Estudos Históricos* que: “nada supre os documentos: onde não há documentos não há história” (LANGLOIS e SEIGNOBOS, 1946, p. 15) o que se entendia por documento – que englobava basicamente artefatos materiais ou escritos de oficiais, era algo muito mais restrito e ainda que imagens pudessem vir a ser usadas, com restrições, como fontes históricas, a existência de uma correspondência entre imagem e realidade, ou entre imagem e verdade, não era uma visão dominante. Assim sendo, o uso de imagens criava desconforto entre os que buscavam sintonizar a iconografia e a realidade.

Para tentar uma solução, afinada com os ideais da escola metódica, a comunidade de historiadores se apoiou em uma antiga tese da infalibilidade da educação do olhar e, consideravam como documento visual apenas aqueles cujas imagens fossem provenientes do aprendizado das academias de pintura (BORGES, 2003, p. 28).

Desta forma, as academias de pintura concebiam ao pintor de história um certo recurso de autoridade e as imagens por eles produzidas podiam ser consideradas um documento para a pesquisa histórica. Ao contrário do que acontecia com estes pintores, os fotógrafos amadores não conheciam estes padrões concebidos pelas academias, na educação do olhar.

Além disto, as fotografias eram tidas como um testemunho do presente, ao passo que os historiadores da escola metódica, o conceito de fato histórico estava intimamente ligado ao estudo dos acontecimentos passados.

Jacques Le Goff nos lembra que originalmente o sentido de “documento” era associado a “prova” ou “testemunho histórico” e na prática, o documento, que nem sempre é algo escrito, é o único meio que o historiador se utiliza para reconstruir o passado e que para estudá-lo devia ter em mente que

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 1990, p. 577)

Le Goff (*ibidem*, p. 580) também nos diz que o documento não é neutro e é resultado de uma montagem da história, das sociedades e da época que os produziram e das sucessivas épocas onde este documento permaneceu vivo, ainda que esquecido. Assim sendo, o documento

é um monumento pois resulta do esforço de sociedades para impor ao futuro, uma imagem de si próprias, de forma voluntária ou involuntária,

Deste modo, o reconhecimento da fotografia como documento histórico dependia de uma mudança de paradigma, o que ocorreu com as propostas pela escola dos Annales que sugeriram não só a ampliação do que venha ser documento. E ainda que o uso de imagens com este propósito, não tenha se iniciado com eles, passou a ter maior reconhecimento, ainda mais se levando em conta o uso da interdisciplinaridade abordada pela análise de fontes visuais, utilizando-se conceitos da antropologia e da sociologia, ou como nos dizem *Ciro Flamarion* e *Ana Maria Maud*,

[...] tanto a noção de documento quanto a de texto continuaram a ampliar-se. Agora, todos os vestígios do passado são considerados matéria para o historiador. [...] Tal tendência está promovendo uma aproximação da história com outras disciplinas das ciências humanas, no sentido de desenvolver uma metodologia adequada aos novos tipos de textos. (CARDOSO e MAUAD, 1997, p. 496).

Assim sendo, a partir de uma visão ampliada, podemos entender as imagens, e a fotografia em particular, como um documento-monumento, que de alguma forma prova que algo existiu todavia, como qualquer outro documento, não pode ser visto/lido como algo neutro e isento de intenções.

A fotografia nos mostra aspectos de um tempo no passado (distante ou não) de uma forma diversa à escrita, ora revelando detalhes, ora levantando questões sobre o que deixou de ser mostrado, ou se foi mostrado, com que intenções assim foi feito. Sobre isto, *Ciro Flamarion* e *Ana Maria Mauad* também afirmam que “Ao historiador, a fotografia lança um grande desafio: como chegar àquilo que não foi revelado pelo olhar fotográfico.” (CARDOSO e MAUAD, 1997, p. 501)

Sobre isto, *Peter Burke* tratando acerca de fotografias e retratos cita *Lewis Wickes Hine* (1874-1940), sociólogo e pioneiro no que passou a ser conhecido por fotografia documental, que certa vez afirmou que “uma fotografia não mente, mas mentirosos podem fotografar” (BURKE, 2017, p. 31). E de modo semelhante no documento escrito, as intenções por trás de um documento escrito também podem ser mentirosas, o que nos obriga a, como historiadores, estarmos sempre atentos e questionando o quanto a fotografia pode vir a nos enganar, seja a partir do que nos mostra ou do que oculta.

Acerca disto, *Bittencourt* (2008, p. 368) nos apresenta sugestões sobre a confiabilidade da fotografia como fonte histórica indicando que as fotos devem ser datadas reproduzir cenas e personagens que possam ser reconhecidos, desta forma, trazendo informações que possam ser articuladas a outras fontes.

E visto que os apagamentos e/ou esquecimentos normalmente carregam em si maiores intenções no que se refere a um documento/monumento Ciro Flamarion e Ana Maria Mauad nos alertam:

É indiscutível a importância da fotografia como marca cultural de uma época, não só pelo passado ao qual nos remete, mas também, e principalmente, pelo passado que ela traz à tona. Um passado que revela, através do olhar fotográfico, um tempo e um espaço que fazem sentido. [...] A fotografia, assim compreendida, deixa de ser uma imagem retida no tempo para se tornar uma mensagem que se processa através do tempo, tanto como imagem/documento quanto como imagem/monumento. Concebida como monumento, a fotografia impõe ao historiador uma avaliação que ultrapasse o âmbito descritivo. Neste caso, ela é agente do processo de criação de uma memória que deve promover tanto a legitimação de uma determinada escolha quanto, por outro lado, o esquecimento de todas as outras (CARDOSO e MAUAD, 1997, p. 501-502)

Kossoy também reflete em seus escritos acerca da fotografia como fontes históricas, "Toda fotografia tem a sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época" (KOSSOY, 2001, p. 28). E em assim sendo, toda foto traz consigo uma certa visão de mundo do fotógrafo, como de igual modo ocorre em um documento escrito, com relação a seus autores.

5. FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA NO ENSINO DE HISTÓRIA

De forma quase profética, Walter Benjamin, ainda na primeira metade do século XX e bem antes de qualquer concepção de fotografia digital, como temos hoje, afirmava que “Na verdade, não está longe o dia em que haverá mais folhas ilustradas que lojas vendendo caças ou aves” (BENJAMIN, 1985, p. 113) e vai além, ao nos afirmar que “[...] ‘o analfabeto do futuro não será quem não sabe escrever, e sim quem não sabe fotografar’. Mas um fotógrafo que não sabe ler suas próprias imagens não é pior que um analfabeto?” (ibidem, p. 117-118).

Não é preciso muito esforço para constataremos que estamos cercados por imagens e dentre estas imagens, muitas são fotografia. Elas estão presentes nos livros didáticos, nas redes sociais, nas revistas, nas campanhas publicitárias expostas nas ruas, nos jornais e isto, quando não são feitas por nós mesmos, nas chamadas *selfies*, utilizando para isto, na grande maioria das vezes aparelhos de telefonia móvel, quase todos dotados de câmeras, nos dias atuais.

Desta forma, ainda que sem os conhecimentos técnicos de um fotógrafo profissional, fotografamos e simultaneamente vemos fotografias constantemente. A fotografia não deixa de ser mais uma linguagem que utilizamos para transmitir informações, emoções, desejos, memórias.

O fato da fotografia ser quase onipresente, graças em grande parte as facilidades da fotografia digital, nos remete a Walter Benjamin, quando este nos propõe a ideia de aura (BENJAMIN, 2012), relacionado com a ideia de originalidade/autenticidade de uma obra de arte. Esta aura se perde com a fotografia, na medida que sua reprodutibilidade técnica a afasta da unicidade que normalmente é associado a outras obras de arte, como por exemplo, a pintura. Desta forma, a fotografia perde um “valor de culto”, associada a obra de arte mais tradicional e passa a ter um valor de exposição e permite que, através da foto o público em geral passa a ter acesso a obras de arte que antes estavam limitadas a locais especiais, tais como museus ou galerias.

Sobre esta reprodutibilidade técnica, Walter benjamin ainda nos diz:

Com a fotografia, a mão foi descarregada, no processo de reprodução de imagens, pela primeira vez, das mais importantes incumbências artísticas, que a partir de então cabiam unicamente ao olho. Como o olho apreende mais rápido do que a mão desenha, o processo de reprodução de imagem foi acelerado tão gigantescamente que pôde manter o passo com a fala. (BENJAMIN, 2012, p. 15)

Essa aproximação que a fotografia traz do olho, quase ao ritmo da fala é de certa a aproximação da linguagem fotografica com o que vemos nas redes sociais associado ao texto, que também podemos ver nos livros didáticos.

E sobre linguagens, podemos afirmar que “a linguagem é um sistema de signos que possibilita o intercâmbio social entre indivíduos que compartilhem desse sistema de representação da realidade” (REGO, 1995).

Sendo assim, se compartilhamos deste sistema de signos, ainda que muitas vezes o lemos sem muita clareza, por que não utilizarmos-nos dele para ampliar as possibilidades no ensino de história? Paulo Miceli nos provoca com uma afirmação que pode servir de resposta a esta pergunta:

Para desempenhar, de modo satisfatório, sua missão, o docente deve partir da experiência cotidiana dos alunos, oferecendo elementos que lhes permitam ultrapassar as sempre lembradas formas tradicionais de ensino da História [...] Uma das principais regras indicadas para o bom desempenho da função docente é aquela que recomenda a valorização da experiência cotidiana dos alunos (PINSKY, NADAI, et al., 2009, p. 32)

Para que venhamos a utilizar a fotografia como ferramenta no ensino de história, entendendo-a como fonte/documento histórico, devemos antes de tudo fazer as verificações que eram valiosas para a escola metódica, valores estes que continuam validos e necessários para o entendimento histórico de qualquer documento a saber: autenticidade e legitimidade, conforme nos diz Linhares, citando Langlois e Seignobos:

[...] aceitar os documentos em seu conjunto, sem um exame prévio de sua autenticidade e procedência, equivaleria a reproduzir o senso comum, fortemente comprometido com os interesses desse ou daquele ator social. (BORGES, 2003, p. 19)

Buscando também conhecer o quando a fotografia foi feita, quem a fez, com que objetivos ela foi feita e onde ela foi feita. Este primeiro processo já será capaz de nos trazer uma série de informações acerca das fotografias que serão utilizadas e a partir disso, conforme nos diz Litz (LITZ, 2009), devemos avaliar a relevância do uso destas imagens em sala de aula, não apenas como ilustrações, mas como elementos que suscitem questionamentos e novos conhecimentos.

As etapas de verificação de autenticidade ganham especial importância após o desenvolvimento de ferramentas que permitem, com muita facilidade, a manipulação digital de fotografias – o que já era feito na fotografia analógica, porém em menor escala. Estas manipulações costumam ter maior impacto no uso político, seja para enaltecer ou criar descrédito a uma determinada personalidade, conforme nos diz Almeida, citando Alain Jaubert:

[...] muitos políticos utilizaram a manipulação fotográfica para omitir a realidade e se colocar em posição de triunfo diante do povo que governava. [...] Como se vê, a manipulação de imagens – principalmente na esfera política, com a intenção explícita de gerar sentido e influenciar ou persuadir a opinião pública, é muito anterior à tecnologia digital. (ALMEIDA e BONI, 2006, p. 21, 22)

Mas, acreditamos que mesmo as fotografias manipuladas (digitalmente ou não) ainda podem ser usadas desde que se tenha consciência desta manipulação, pois a manipulação também indica uma intencionalidade e elas devem ser entendidas.

Outra questão a ser levada em conta, é a relevância, principalmente ao nos percebermos inundados por imagens e fotos provenientes das redes sociais. A quantidade de fotos sobre um mesmo tema, não agrega necessariamente informação relevante ao que se pretende analisar - “O uso da imagem deve ser significativo, deve ter intencionalidade, é necessário ter qualidade. É preciso, também, se perguntar: o uso que faço desse instrumento, realmente auxilia o meu aluno nesse processo? Ele realmente apreende conteúdo e conhecimento?.” (LITZ, 2009, p. 5)

Também se faz necessário aprender e ensinar a ler, questionar e entender de forma correta as imagens e mais especificamente, as fotografias que para este fim serão utilizadas, ao mesmo tempo que utilizar a noção de documento-monumento à fotografia permite o trabalho com conceitos de memória e esquecimento sendo necessário entender que a fotografia não

comunica sozinha, mas funciona como um mediador cultural, vista a partir de um contexto que nos auxiliam na sua decodificação ou, falando de outra forma:

Para ensinar com ajuda de imagens o professor deve ter em mente que a fotografia funciona como um mediador cultural, ou seja, atua na interação entre conhecimentos prévios e novos conhecimentos. Esta interação ocorre de forma dialógica, onde está presente a ideia de múltiplas vozes, o contato com várias linguagens. (GEJÃO e MOLINA, 2009)

Também devemos levar em conta que fotografias representam sempre apenas um recorte da realidade, ou como nos diz Kossoy, que

“Toda fotografia representa em seu conteúdo uma interrupção do tempo e, portanto, da vida. O fragmento selecionado do real, a partir do instante em que foi registrado, permanecerá para sempre interrompido e isolado na bidimensão da superfície sensível” (KOSSOY, 2012, p. 46)

Ou seja, estão constituídas de elementos do seu tempo, sejam eles sociais, culturais, políticos, econômicos, etc. e vinculam-se a um tempo e espaço determinado, não devendo ser encaradas como realidade e também não devemos esquecer que o tempo, local, cultura e demais fatores sociais relacionados a pessoa que vê/lê estas fotografias também influenciam na forma como esta foto possa vir a ser entendida. O uso da fotografia deve portanto ser algo que acrescente no processo de ensino e aprendizagem e, quando necessário, articulada aos textos ou livros didáticos, servindo desta forma como fonte de informação e conhecimento, de onde o aluno poderá ter uma visão mais ampla acerca de períodos, culturas e lugares distintos.

Então, também devemos ter o cuidado de contextualizar as fotografias, conforme nos diz Silva:

“Fotografia serve para educação, desde que contextualizada para esse propósito, acionada como dispositivo pedagógico. Logo, ela precisa ser contextualizada para servir como instrumento que se preste a tal função.” (SILVA, 2020, p. 84)

E podemos fazer isto identificando onde e quando foram feitas e, sempre que possível, quem as fez e qual a técnica utilizada para produzi-las. O que nem sempre é algo fácil de ser feito pois muitas vezes o autor das fotos é desconhecido e em algumas situações, nas quais uma série de fotos tenha sido produzida, muitas vezes nos chegam solitárias e descoladas de contexto.

Ao agir como mediadores no processo de ensino e aprendizagem, devemos também nos precaver com relações a afastamentos que perguntas diretas podem causar aos que ainda não

estão preparados para responde-la, sendo preferível, perguntas que conduzam o olhar aliado a busca e o desejo de aprender. Sobre isto Claudio Domingues indica uma possível abordagem

Abordar os estudantes com a pergunta direta: O que você observa? Pode gerar um desconforto, pois nem sempre o que é claro para o mediador é claro para o estudante, assim ele pode se sentir pressionado, comprometendo o desenvolvimento da ação mediática. É preciso estar atento a estas questões para que o exercício não se torne uma atividade sem significação.

Acredito ser mais prudente abordar o estudante com questões abertas do tipo: Vamos conversar sobre esta imagem? O que você pode me dizer sobre esta imagem? O que podemos ver nesta imagem? Estas questões podem trazer o adolescente para perto do mediador, tirando a aura incisiva e inquisitorial de uma pergunta direta, dando a ação um clima mais amistoso e de parceria, o aluno não se sente só, mas amparado pelo emprego do pronome em terceira pessoa: “vamos” ou “podemos”. (DOMINGUES, 2006, p. 69).

Desta forma, a experiência com o uso da fotografia em sala de aula se torna um processo de aprendizagem dialogado, possibilitando maior participação e interação entre os envolvidos na sala de aula.

6. CONSIDERAÇÕES SOBRE O NOVO ENSINO MÉDIO

Constituição Federal de 1988 estabeleceu a Educação Básica obrigatória e gratuita dos quatro aos dezessete anos de idade. Anteriormente, o que hoje conhecemos por ensino médio (antigo segundo grau), não era obrigatório. Em 1996, a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e através destas diretrizes, foi criada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que normatiza e define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

Desde a sua criação, a BNCC vem sofrendo alterações e mais recentemente, em dezembro de 2018, foi aprovada uma BNCC específica para o ensino médio. Dentre outras coisas, o documento estabeleceu competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes ao longo da última etapa da Educação Básica em quatro áreas do conhecimento: Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

As competências e habilidades, são diretrizes cujo o objetivo é o desenvolvimento uniforme e pleno de todos os estudantes, regulamentando o currículo no âmbito educacional.

Isto impôs impôs-se uma reestruturação profunda para o Ensino Médio: a ênfase do processo de ensino-aprendizagem deslocou-se do conteúdo informativo para o

desenvolvimento de competências e habilidades, e, no lugar da antiga segmentação das disciplinas, definiu-se o ensino por áreas (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018).

No livro didático Moderna Plus, para o primeiro ano do ensino médio, que leva em conta as diretrizes da BNCC, a fotografia se insere dentro de um contexto mais amplo e interdisciplinar, ao afirmar que

“Em relação à competência específica de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 1, o estudo do capítulo contribui para o seu desenvolvimento na medida em que são propostos debates e a elaboração de textos por meio dos quais será possível ao estudante construir hipóteses e exercitar a argumentação com base em dados de diversas naturezas [...] a análise de processos socioambientais, com base na leitura de textos, fotografias, imagens de satélite, gráficos, mapas e ilustrações (EM13CHS106), presentes ao longo do capítulo, contribuem para o desenvolvimento dessa competência.” (BRAICK, MIRANDA, et al., 2020)

Desta forma, muitas disciplinas que antes eram abordadas de forma separadas em sala de aula, devem, a partir da efetivação deste modelo, serem trabalhadas em conjunto visando um trabalho interdisciplinar. Neste contexto, a disciplina de história é trabalhada na área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, em conjunto com as disciplinas de geografia, sociologia e filosofia.

Assim sendo, o uso da fotografia em sala de aula, revela sua relevância por suas possibilidades interdisciplinares, abordando além de seu caráter como documento histórico, seus recortes temporais, geográficos e sociais, onde podemos buscar entender ao longo do desenvolvimento da fotografia como técnica, quais camadas sociais, em cada etapa de tempo, tinham acesso a ela e quais passaram a ter com a sua difusão. Sobre isto, Litz afirma:

A História vem se integrando e interagindo com outras Ciências, como a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia, as Artes, a Literatura e a Psicologia, abrindo caminhos para a interdisciplinaridade, sem deixar de atentar para as especificidades do trabalho do historiador. Essa aproximação, sem dúvida, serviu para que o conhecimento se tornasse mais dinâmico e inovador. (LITZ, 2009, p. 14)

Dentro deste espaço de interdisciplinaridade a fotografia também se insere como linguagem artística e cultural, permitindo que a compreensão das linguagens visuais possam ir além de uma leitura simplificada que muitas vezes fazemos pelo simples fato estarmos constantemente diante delas e por isto mesmo, muitas vezes as banalizamos.

Porntanto, o uso da fotografia no ensino de história é também fazer uso de uma linguagem presente no cotidiano, aproximando um passado cronológica ou geograficamente distante para a realidade do aluno.

7. CONCLUSÃO

A fotografia não surgiu com a pretensão de ser um documento histórico. Mas, nem por isto o deixa de ser e também, ao servir de memória, se enquadra também na condição de monumento. Seu uso como fonte histórica, ainda que com justificado cuidado, não deve ser ignorado e desde o daguerreótipo, passando pelas câmeras com filmes, até a facilidade atual da fotografia digital a fotografia se desenvolveu não só no que tange às tecnologias utilizadas para sua execução, como também como linguagem (seja pela forma quanto pelos usos).

Então, ao percebermos a fotografia não mais como mera ilustração em livros didáticos, mas como documento/monumento, tendo em vista uma visão ampliada do que venha a ser documento, podemos e devemos usá-las como fontes históricas aliada a outros fontes, sem contudo deixarmos de analisá-la, como a qualquer outro documento, na sua ausência de neutralidade, observando suas intencionalidades, quando e onde foi produzida, quem a produziu (sempre que possível) e com que finalidade.

Deste reconhecimento da fotografia como documento ao seu uso em sala de aula, para o processo de ensino/aprendizagem de história, é necessário buscar meios qualitativos de fazê-lo, levando em conta o contato que temos diariamente com imagens e com a fotografia em particular. Assim sendo, buscar formas de fazer uma correta leitura desta linguagem visual se faz necessário também através da contextualização temporal e geográfica, levando o estudante a questionar o que está sendo visto, em um processo de busca e formação de novos conhecimentos, partindo do conhecido para chegar ao desconhecido, de forma interativa, aumentando as possibilidades de participação dos alunos.

Dentro do contexto do proposto na BNCC, para o novo ensino médio, a fotografia também se insere no diálogo com as demais disciplinas na área de ciências humanas e sociais aplicadas, mas não restrito a elas, cabendo ao professor, como mediador buscar os meios para que este diálogo se faça de forma a acrescentar dinamismo e experiências inovadoras as aulas.

8. REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Cláudia Maria Teixeira de ; BONI, Paulo César. A ética no fotojornalismo da era digital. **Discursos fotográficos [n.2]**, Londrina (PR), 2006. 299. Disponível em: <https://livrosdefotografia.org/publicacao/30296/discursos-fotograficos-n2>. Acesso em: 27 maio 2022.

BENJAMIN, Walter. A pequena história da fotografia. In: BENJAMIN, Walter **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. [S.l.]: editora brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na era da sua Reprodutividade Técnica**. Tradução de Francisco De Ambrosio Pinheiro Machado. 2ª. ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2012.

BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de história: Fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BLAIR, James P.; STUCKEY, Scott S.; VESILIND, Priit. **Novo guia de fotografia National Geographic**. Tradução de Camila Wener. São Paulo: Ed. Abril, 2011. 400 p.

BLOCH, Marc. **Introdução a história**. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1974.

BORGES, Maria E. L. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

BRAICK, Patricia Ramos *et al.* **Moderna plus: ciências humanas e sociais aplicadas** : Manual do professor. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2020.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. 1 ed. ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017.

CARDOSO, Ciro F.; MAUAD, Ana M. História e Imagem: Os exemplos da fotografia. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (.). **Domínios da História: Ensaio de teoria e metodologia**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda., 1997.

COELHO, Tiago D. S. A imagem no ensino de história em tempos visuais. **PerCursos**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 188-199, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/2413>. Acesso em: 10 Março 2022.

DOMINGUES, Claudio M. **O Olhar de Quem Olha: Cultura Visual, Arte e Mediação na Aula de História - o uso da imagem na construção do conhecimento histórico**. São Paulo: UNESP, 2006.

GEJÃO, Natália Germano; MOLINA, Ana Heloisa. A fotografia como mediador cultural na construção do conhecimento histórico escolar. **Antíteses**, Londrina, v. 2, p. 257-267, jan.-jun. 2009. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/1940/2197>. Acesso em: 11 maio 2022.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história / Boris Kossoy**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LANGLOIS, CH. V.; SEIGNOBOS, CH. **Introdução aos estudos históricos**. Tradução de Laerte de Almeida Moraes. São Paulo: Editora Renascença S.A., 1946.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. Adaptação da Edição Portuguesa Maria Clarice Samnpaio Villac.

LIMA, Arthur Rodrigues de; NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes. A fotografia como fonte para a história cultural da educação: O caso da escola centeticista São José. **Anais**

COPRECIS, Campina Grande, 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/31021>. Acesso em: 8 junho 2022.

LITZ, Valesca G. O uso da imagem no ensino de história, Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1402-6.pdf>. Acesso em: 05 Maio 2022.

MAUAD, Ana M. Usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar. **História da Educação**, Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/CCJZ3LYLT7xV6RrDcRpbTmb/?lang=pt>. Acesso em: 30 Março 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular - Ensino médio**. [S.l.]: [S.n.], 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em: 13 Maio 2022.

PINSKY, Jaime (autor e organizador) *et al.* **O ensino de História e a criação do fato**. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

REGO, Teresa C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, Sergio L. P. D. **Gozo estético na cultura visual**: fotografia, memória e alienação social. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020. 121 p.

TESSARI, Anthony B. Fotografia na história e no ensino de História. **Revista Aedos**, v. 4, n. 11, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/30773>. Acesso em: 01 Maio 2022.